

# As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque) e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora)<sup>1</sup>.

VICTOR S. GONÇALVES\*

MARCO ANDRADE\*\*

ANDRÉ PEREIRA\*\*

## RESUMO

A necrópole de grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque, integra quatro monumentos, escavados em 1932 por Manuel Heleno. Cerca de eles encontrava-se uma mal conhecida necrópole, a de Baútas, que de algum modo pode ser um pequeno hipogeu de tipo indefinido, cronológica e culturalmente, associada a este conjunto. O espólio está guardado no Museu Nacional de Arqueologia.

Quase todo o material arqueológico se encontra praticamente inédito e, entre ele, um pequeno conjunto de placas de xisto gravadas (seis) proveniente das grutas artificiais e apenas uma placa recolhida na necrópole de Baútas.

São, no entanto, e apesar de muito danificadas, placas interessantes, particularmente no caso da n.º 42791, proveniente da Gruta 1.

Esta placa apresenta toda uma série de leituras problemáticas quanto à sua concepção, paginação e sequência de gravação. É, por exemplo, visível que os contornos dos motivos foram gravados com muito maior nitidez e profundidade que os preenchimentos, que parecem realmente ter sido executados com um

<sup>1</sup> Um estudo do Projecto «PLACA NOSTRA». Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). Faculdade de Letras P-1600-214 LISBOA.

\* Director do Projecto «PLACA NOSTRA». UNIARQ. vsg@fl.ul.pt.

\*\* Colaborador do Projecto «PLACA NOSTRA». UNIARQ.

instrumento manejado com muito pouca pressão e é também importante sublinhar que o tipo de representação da Cabeça é bastante incomum, correspondendo a uma concepção de Cabeça isolada integrada num campo único de triângulos, readaptado naturalmente nas áreas laterais contíguas à Cabeça. Esta e outras situações justificaram análise mais demorada e uma decomposição dos momentos de gravação, com uma proposta de reconstrução do que seria a placa na sua integralidade.

A necrópole de grutas artificiais do Tojal de Vila Chã e o monumento das Baútas foram escavados numa área com uma abundante e diversificada presença de importantes povoados, como Baútas, Espargueira ou Serra das Éguas, cujo estudo se encontra ainda muito incompleto, mas que evidencia a fortíssima presença na região de comunidades da transição do 4º para o 3º milénio e de toda a primeira metade de este.

É muito importante verificar-se que as placas de xisto gravadas são, mais uma vez, uma minoria dentro do conjunto artefactual votivo das grutas artificiais, onde dominam largamente os artefactos votivos de calcário. No caso do Tojal de Vila Chã, a própria situação das placas no momento em que foram encontradas é significativo: quase sempre no Corredor ou na ligação entre este e a Câmara, mostrando serem efectivamente intrusões posteriores à construção e primeiro uso dos monumentos.

Palavras-chave: Calcolítico – megalitismo – subsistema mágico-religioso – placas de xisto gravadas – Península de Lisboa.

## ABSTRACT

*The artificial rock-cut caves necropolis of Tojal de Vila Chã, Carenque, includes four monuments excavated in 1932 by Manuel Heleno. Also situated in the vicinity is the largely unknown necropolis of Baútas, possibly a small-sized hypogeum of undetermined type that, on chronological and cultural terms, is associated with the group of Tojal de Vila Chã.*

*Amongst the collection of artefacts, most of which has never been studied before, were found a small group of engraved schist plaques (six) from the artificial rock-cut caves, and another from the Baútas necropolis. Although quite damaged, they form an interesting group, particularly n° 42791, from Cave 1. This plaque presents a range of problematic readings concerning its engraving and iconographic scheme. The contours of the motifs, for example, are engraved with a deeper, neater line than the fill, the latter executed with a tool that must have been guided with little pressure. The representation of the Head is*

*also unusual, corresponding to the concept of an isolated Head integrated in a unique field of triangles, naturally readapted to the areas laterally adjacent to it. These, and other situations, justified a prolonged analysis of the artefact and a deconstruction of its engraving process, in a proposed reconstruction of what the plaque may have been in its entirety.*

*The artificial rock-cave necropolis of Tojal de Vila Chã and the monument of Baútas were constructed in an area of abundant and diverse settlements like Baútas, Espargueira or Serra das Éguas, whose study is even less complete. However, their existence indicates the strong presence in the region of human communities, during the transition from the 4<sup>th</sup> to the 3<sup>rd</sup> millennium and throughout the first half of the latter.*

*It is important, once again, to stress that the engraved schist plaques are in a minority amongst the group of votive artefacts from the artificial rock-cut caves, where votive limestone artefacts predominate. In the case of Tojal de Vila Chã, the context of their discovery also seems significant. They were mostly found in the Corridor or in the connecting area between the latter and the Chamber, indicating that they were introduced into it in a moment that was posterior to the construction and initial use of these monuments.*

**Key-words:** Copper Age – megalithism – magical-religious subsystem – engraved schist plaques – Lisbon peninsula.

## 0 – LIMIAR

Na sequência da publicação das placas de xisto gravadas da Gruta 2 de S. Paulo (Gonçalves, Andrade e Pereira, 2004), o Projecto «PLACA NOSTRA» entendeu como importante para o estabelecimento de esquemas referenciais para o uso de placas nas práticas funerárias em grutas artificiais a publicação ou republicação de outros conjuntos. Pela sua proximidade, o do Tojal de Vila Chã, Carenque, justificava interesse particular.

Acresce que, já em 1989, um dos signatários (VSG) dirigira na Faculdade de Letras de Lisboa um grupo de trabalho integrando Manuel Calado, Maria José Sequeira e Teresa Simões, então seus alunos no Seminário de Arqueologia, tendo sido desenhada a totalidade dos artefactos das grutas, *incluindo as placas*. Nunca houve apoios suficientes para a tintagem dos desenhos dos artefactos, mas as placas foram agora redesenhadas e objecto de uma publicação integral, o que talvez reactive o antigo projecto.

Para este trabalho, muito beneficiámos (nós e a comunidade científica...) da recuperação dos lendários cadernos de campo de Manuel Heleno. Escavador das grutas, em 1932, directa ou indirectamente, apesar de tudo ainda hoje é impossível sabê-lo, são dele os textos entre aspas que usamos para abrir pontos de este trabalho ou para situar os artefactos ideotécnicos que ora estudamos em contextos de outra forma mais que obscuros: simplesmente inexistentes.

Materiais houve que desapareceram, e alguns provavelmente relacionados com as placas, mas essas são situações que a descoordenação da arqueologia ao tempo de Manuel Heleno (e em épocas infelizmente bem mais recentes) acaba

por tornar compreensíveis. Daí também, e com as reservas da escassez de informação que por vezes sentimos neles, a importância dos textos dos «cadernos de campo».

Para designar a necrópole, usa-se aqui o microtopónimo original, *Tojal de Vila Chã, Carenque*, mas nas referências gruta a gruta usa-se a forma simplificada, *Carenque 1, 2, etc.*

A investigação da equipa «PLACA NOSTRA» foi desenvolvida, no caso das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque, com o apoio do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e do Museu Nacional de Arqueologia.

### 1 – AS GRUTAS ARTIFICIAIS DO TOJAL DE VILA CHÃ, CARENQUE, E A NECRÓPOLE DAS BAÚTAS: LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO.

Identificadas de 11 a 13 de Março de 1932, as grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque, e a necrópole das Baútas situam-se actualmente na Freguesia da Mina, Concelho da Amadora, distrito de Lisboa. Localizam-se, respectivamente, na margem direita e na margem esquerda da Ribeira de Carenque, as primeiras numa plataforma a meia encosta da Serra da Silveira (dentro do complexo de reservatórios de água da EPAL) e a segunda algures no sopé da Serra das Baútas.

Escavadas nos dias seguintes à sua descoberta por Manuel Heleno, foram sumariamente apresentadas numa comunicação feita ao Congresso Luso-Espanhol de 1932, resultando numa pequena publicação datada de 1933 (que antecederia um suposto estudo completo). A partir daqui, e principalmente as grutas artificiais, foram sempre usadas como ponto de referência para o megalitismo da Península de Lisboa, tendo sido alvo de estudos pontuais orientados para certas problemáticas. Têm também a sua representação em *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel* – a legenda das Estampas refere, no entanto, uma proveniência não especificada: «Necrópoles de Carenque e Baútas. Povoados da Serra das Éguas e Espargueira», sem mais especificações (Leisner, 1965, Taf. 59-60).



Fig. 1 – Situação das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque, e da necrópole das Baútas no Extremo Ocidente Peninsular.







Fig. 3 – Orto-fotografia digital da área envolvente das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque e necrópole das Baútas (base: Sistema Nacional de Informação Geográfica).

por uma espécie de vestíbulo circular de paredes em parte abertas no calcário, em parte feitas de lages delgadas ligadas com barro e sôbrepostas ao banco rochoso. O corredor, com 1<sup>m</sup>,53 de alto, um bôjo de 1<sup>m</sup>,20, esteve coberto de lages assentes numa reentrância do bôrdo superior. Chegou até nós uma delas, embora partida. Junto dela, em refôrço da parede, uma lage a pino a servir de esteio, e com a altura de 0<sup>m</sup>,87. Do lado oposto, sôbre o banco, uma parede para levantamento do mesmo. A porta de ligação da galeria com a câmara tem a forma ovalada, altura de 0<sup>m</sup>,83 e largura máxima 0<sup>m</sup>,59. A câmara era iluminada por uma clarabóia sensivelmente circular e com diâmetro de SW.-NE., no sentido do eixo do monumento, de 1<sup>m</sup>,30.» (Heleno, 1933, p. 7-8).

A gruta artificial Carenque 1 situa-se, pela folha nº 416 da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000, ed. 1992), nas seguintes coordenadas UTM



(medidas com GPS *Garmin eTrex Legend*, com uma margem de erro de 6 metros):

X (m): 478947

Y (p): 4291878

N (altimetria): 234 m.

Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS84):

Latitude (N): 38°46'24.4"

Longitude (W): 09°14'37.0"

#### 1.1.2 – Carenque 2.

«A Gruta II estava completamente soterrada. Situada a poente da primeira e entre esta e a Gruta III, tem o eixo orientado no sentido NW.-SE. com entrada para sueste. O corredor inicia-se por uma espécie de concha, dentro da qual se abrem dois degraus que descem para um fôssco aberto na rocha, primitivamente coberto de lages e cujo fundo em plano inclinado termina no portal da câmara. Pirifôrme, de fundo côncavo, apresenta-se com comprimento de 5<sup>m</sup>,50 e bôjo de 2<sup>m</sup>,10 e altura junto à câmara de 1<sup>m</sup>,75. Próximo do portal há uma concavidade aberta no fundo da galeria, continuação do plano da câmara, com a forma parecida com uma bolsa. O portal tem a configuração aproximada de ferradura e está, com a parte do corredor que lhe é vizinha, notavelmente aperfeiçoado. É trabalho digno de admiração, dado o material rudimentar de que dispunham os construtores.

«A câmara é iluminada também por uma clarabóia circular cortada com grande perfeição e que mede, no sentido do eixo do monumento, 1<sup>m</sup>,60. As paredes daquela são esféricas e o seu corte pelo fundo dá secção aproximadamente oval.» (Heleno, 1933, p. 8-9).

A gruta artificial Carenque 2 situa-se, pela folha n.º 416 da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000, ed. 1992), nas seguintes coordenadas UTM (medidas com GPS *Garmin eTrex Legend*, com uma margem de erro de 6 metros):

X (m): 478928

Y (p): 4291874

N (altimetria): 240 m

Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS84):

Latitude (N): 38°46'24.4"

Longitude (W): 09°14'37.8"

## 1.1.3 – Carenque 3.

«A Gruta III é a mais ocidental do Tojal de Vila Chã e estava também completamente soterrada. É, como a antecedente, do tipo de Palmela. Aberta para S.SE. tem uma galeria composta por duas partes: uma a prolongar a câmara na direcção do eixo, outra que lhe dá saída e faz ângulo com a primeira. Esta é pouco profunda e lembra a forma dum barco; aquela, ligada à antecedente por um átrio circular, abre-se em fôssco cavado em rampa, em que estão esculpidas grandes covas em concha. Esta é pirifôrme e talhada com grande perfeição.

«Por um portal elegante, a lembrar uma ferradura, penetra-se na câmara. E de tôdas a menos conservada, porque foi cavada em dois bancos sôbrepstos, o de cima de fraca resistência. Daí a destruição da clarabóia e a pouca perfeição da parte superior das paredes laterais. O fundo da gruta, de secção circular, não é plano, mas desbastado na parte central. O seu diâmetro é de 3m,80, inferior portanto ao da Gruta I, que atinge cêrca de 4<sup>m</sup>,50.» (Heleno, 1933, p. 9-10).

A gruta artificial Carenque 3 situa-se, pela folha n.º 416 da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000, ed. 1992), nas seguintes coordenadas UTM (medidas com GPS *Garmin eTrex Legend*, com uma margem de erro de 6 metros):  
 X (m): 478918  
 Y (p): 4291874  
 N (altimetria): 238 m

Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS84):

Latitude (N): 38°46'24.4"

Longitude (W): 09°14'38.3"

Existe ainda a referência, feita por Manuel Heleno (1932, Cad. n.º 4), a uma quarta gruta. Situar-se-ia na encosta da Serra, do lado de Vila Chã, na direcção da estrada. Não se sabe actualmente onde se localizaria (segundo informação de um pastor local, teria sido destruída aquando da construção dos reservatórios da EPAL). A escavação aqui realizada por Manuel Heleno forneceu espólio pouco significativo.

Escavadas numa zona de transição entre os calcários e margas do Albiano-Cenomaniano inferior e médio e os calcários com rudistas do Cenomaniano superior (Ramalho et al., 1993), as grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque apresentam-se como uma área de necrópole, definida não só pela proximidade dos monumentos (separados por poucos metros), como também

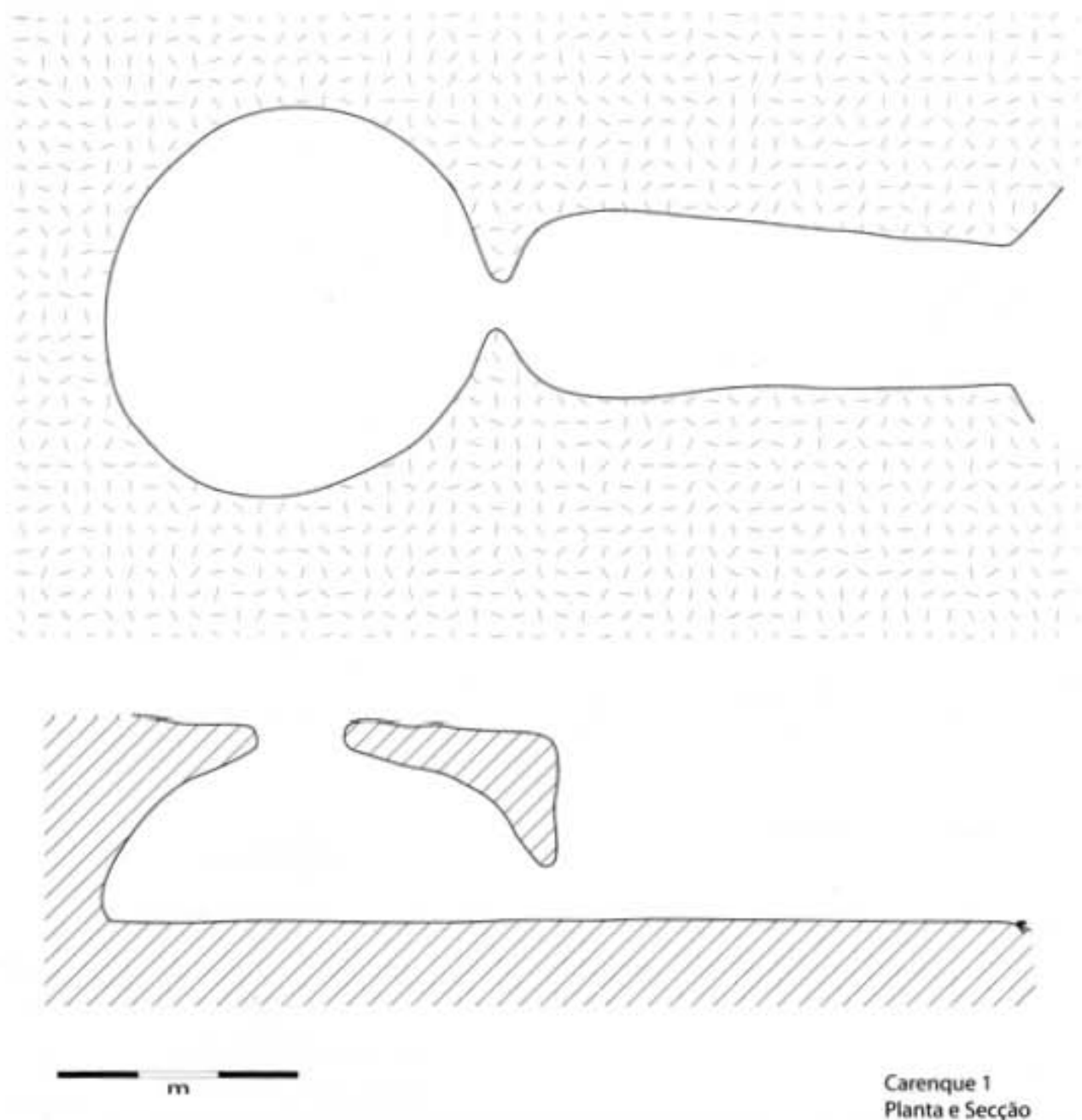


Fig. 4 – Planta e secção longitudinal da gruta artificial de Carenque 1 (redesenhado a partir de Miranda et al., 1999, p. 17).

pela relativa uniformidade dos espólios votivos. Trata-se, pois, de um conjunto de monumentos que não se afasta do que é típico na Península de Lisboa neste tipo de «manifestações megalíticas», reflectindo as particularidades da arquitectura das grutas tipo «coelheira» características da Estremadura portuguesa (Gonçalves, 2003). Registem-se ainda as orientações distintas dos três

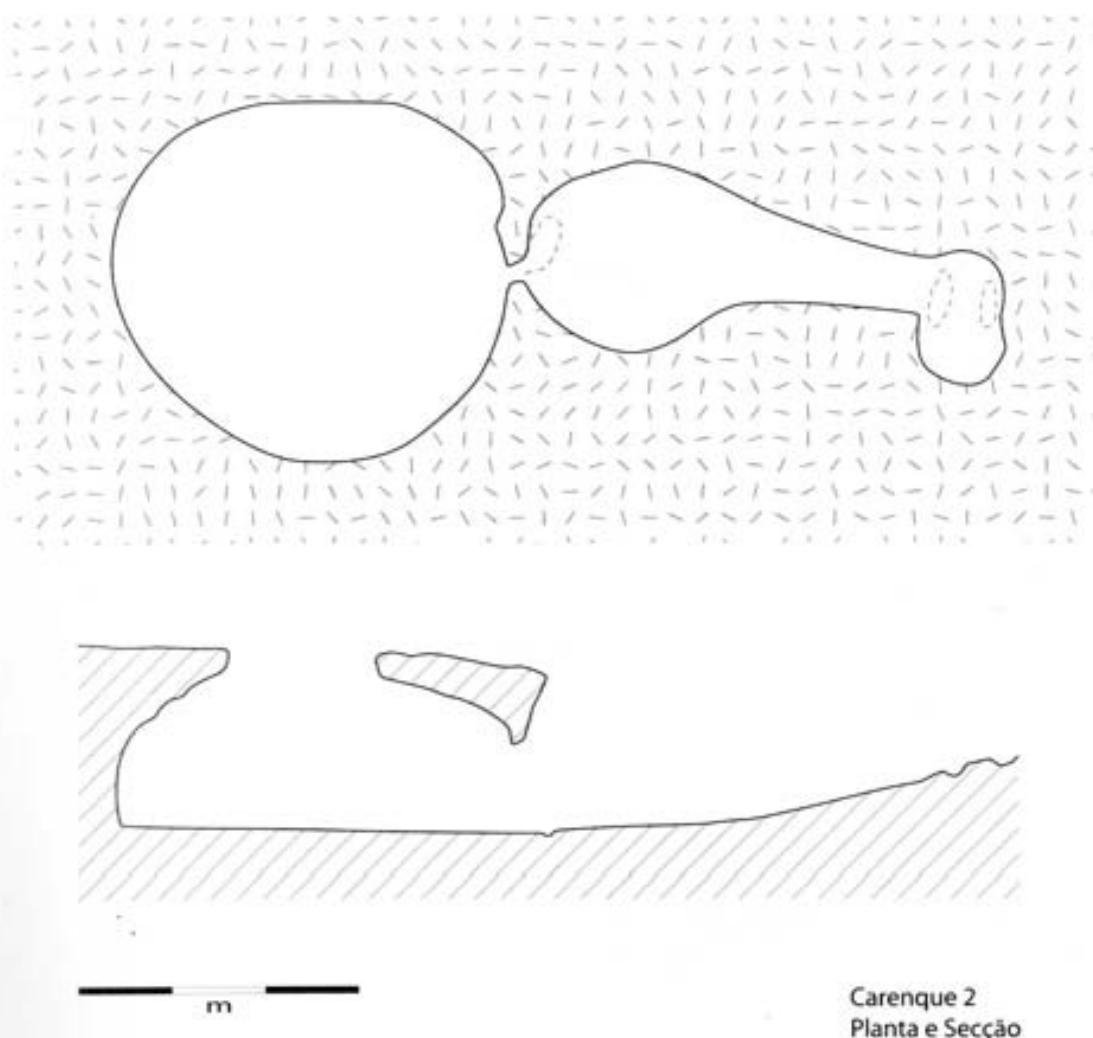


Fig. 5 – Planta e secção longitudinal da gruta artificial de Carenque 2 (redesenhado a partir de Heleno, 1933, Est. III).

monumentos (NE, SE e SSE), não como consequência de uma determinação de índole simbólica, mas provavelmente resultantes de um melhor aproveitamento do substrato geológico, tal como acontece em Alapraia e Casal do Pardo (Gonçalves, 2003, p. 117-166; Soares, 2003).

Diga-se, a título de curiosidade, um pouco à maneira do *Freaks* de Tod Browning, que a Gruta 2 dispõe de uma datação TL, OxTL 169h:  $3930 \pm 340$  AC (Soares e Cabral, 1984) – datação que, se fosse fiável, colocaria pelo menos um dos episódios de utilização da gruta entre a segunda metade do 5º milénio e primeira metade do 4º a.n.e.!! O que é verdadeiramente impossível, considerado o enquadramento cronológico radiocarbónico já disponível para este tipo de monumentos (Cardoso e Soares, 1995).

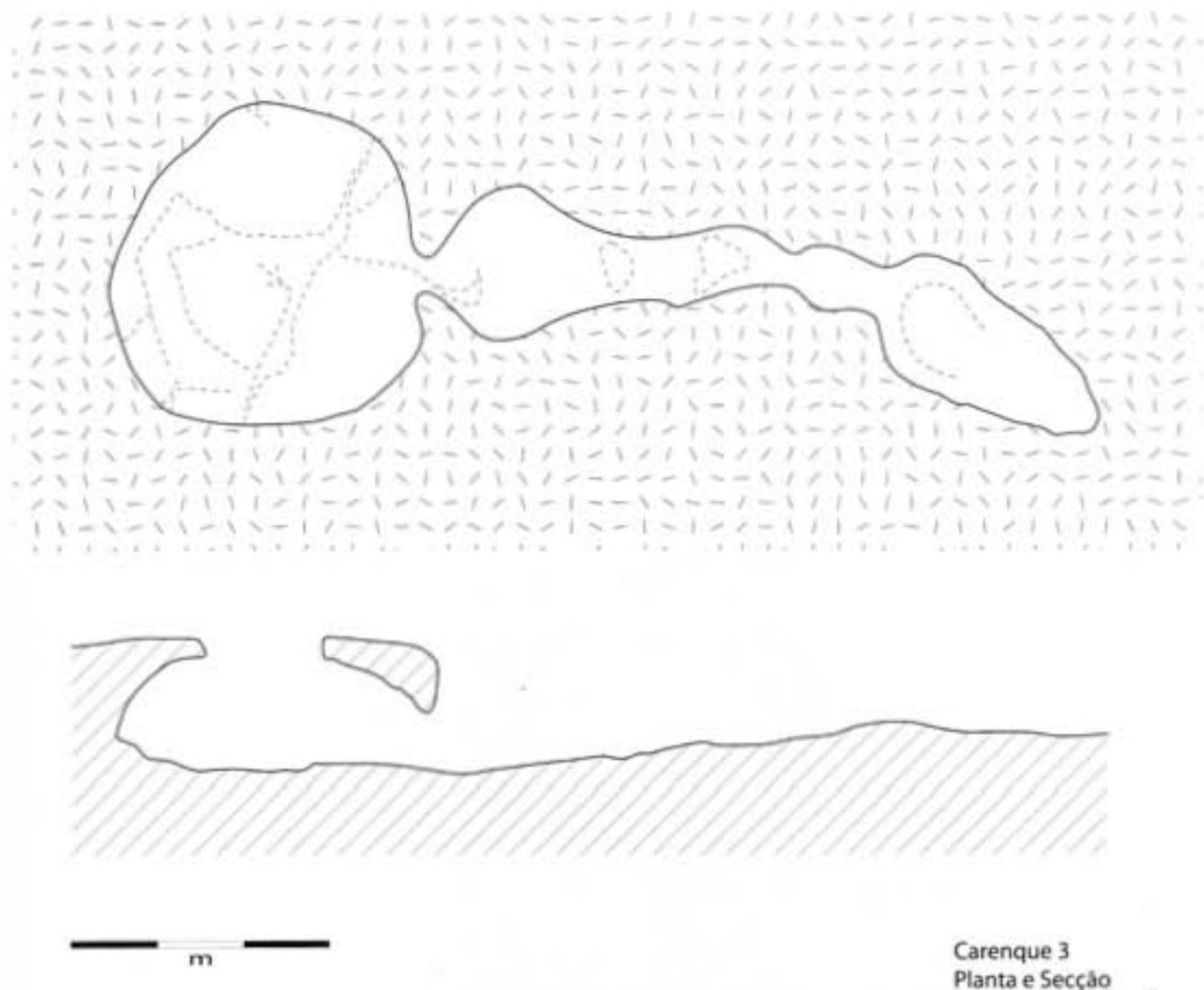


Fig. 6 – Planta e secção longitudinal da gruta artificial de Carenque 3 (redesenhado a partir de Heleno, 1933, Est. IV).

### 1.2 – A necrópole das Baútas.

Manuel Heleno é pouco preciso em relação à localização específica da necrópole das Baútas, dizendo apenas: «Quem segue para Carenque, pelo vale em que assenta a estrada, encontra a poucos passos da aldeia, à esquerda, caindo em inclinado pendor, a Serra das Baútas. Nesta, no Casal da Lage, sobranceiro à estrada, a necrópole já citada» (Heleno, 1933, p. 6).

J. Morais Arnaud e T. Júdice Gamito, aquando da notícia sobre o povoado das Baútas, apontam uma localização provável para a necrópole, situada então no sopé da Serra das Baútas, entre o casal homónimo e a povoação de Carenque, próximo da estrada que se desenvolve no vale da Ribeira de Carenque, tendo sido destruída pelo alargamento desta (Arnaud e Gamito, 1972, p. 160, nota 26).



Fig. 7 – Aspecto geral da plataforma onde se encontram escavadas as grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque.



Assim, segundo a localização provável apontada por J. Miranda e colaboradores, em área actualmente ocupada por uma pedreira (1999, p. 38), a necrópole das Baútas situar-se-ia, pela folha n.º 416 da Carta Militar de Portugal (escala 1:25000, ed. 1992), nas seguintes coordenadas UTM:

X (m): 4783

Y (p): 42913

N (altimetria): 146 m.

Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS84):

Latitude (N): 38º46'05.6"

Longitude (W): 09º15'04.2"

Quanto à sua caracterização, Manuel Heleno refere apenas: «*Estava já muito destruída, e parecia ter tido a forma de poço*» (Heleno, 1933, p. 10), podendo configurar algo semelhante (mas eventualmente em maior escala) ao registado em Aljezur (cf. Gonçalves, 2004c), aproximando-se dos «hipogeus de tipo silo» descritos por E. Rivero Galán (1988).

Manuel Heleno (1932, Cad. 1) chama-lhe mesmo «*ossuário em forma de poço da Serra das Baútas*». No entanto, em Caderno de 1935, aquando da escavação da Gruta 4 de Carenque, descreve um suposto *Monumento das Baútas* como tendo «*forma de palmatória, isto é, uma parte circular como se fosse um poço e uma galeria anexa e fechada*». Pela descrição, parece tratar-se de um hipogeu diferente das grutas artificiais tipo coelheira, próprias da Península de Lisboa e Setúbal (de pequenas dimensões, dado as medidas que apresenta), não se sabendo, contudo, se Heleno reavaliava o monumento escavado em 1932 ou falava de um novo monumento, a propósito do qual se refere a recolha de um vaso decorado.

### 1.3 – Espólio arqueológico.

No trabalho publicado em 1933, Manuel Heleno evidencia a riqueza do espólio recolhido nas grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque e necrópole das Baútas, tanto a nível arqueológico como antropológico (neste último caso, e em relação à Gruta 3, estudado por Bubner, 1986). Refere que, naquele âmbito, e prometendo um estudo sério, «*seria prolixidade descrever neste ensaio os 750 objectos que ali foram desenterrados. Limitar-me-ei a indicar as características gerais do espólio arqueológico, deixando para estudo ulterior o seu desenvolvimento*» (Heleno, 1933, p. 10).

Não há diferenciação de proveniência na descrição sumária que faz do espólio recolhido, não se percebendo se pertence às grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque, ou à necrópole das Baútas (problema que uma leitura mais atenta dos Cadernos de Campo, agora disponíveis, e a revisão dos materiais em depósito no MNA poderá ajudar a resolver).

Foram recolhidos recipientes cerâmicos semi-esféricos lisos, de «*estilo dolménico*», principalmente nas Baútas, recipientes campaniformes, com decoração «*rica e variada*», do «*tipo análogo ao de Palmela, predominante na Gruta II do Tojal de Vila Chã*» (Heleno, 1933, p. 12) – indicando que «*além da forma de sino, observa-se nesta cerâmica a semi-esférica, a cilíndrica, a de taça com os bordos reentrantes e com buracos de suspensão*» (Heleno, 1933, p. 13-14), tratando-se, este último, de um «vaso-lamparina» de suspensão, comum em conjuntos «megalíticos» do Sudoeste peninsular. São referidos, posteriormente, copos canelados provenientes das Grutas 1 e 3 (Bubner, 1979; Gonçalves, 1989, p. 449-450) e descrições mais pormenorizadas da cerâmica campaniforme (Ferreira, 1966; Harrison, 1977).

Na categoria da pedra lascada, encontramos punhais, «alabardas», lâminas, pontas de seta pedunculadas, de base côncava e base recta (Heleno, 1933, p. 12).

Na categoria da pedra polida, são referidos três machados «*espalmados*», um deles com sulco para encabamento (Heleno, 1933, p. 10). No entanto, numa leitura mesmo superficial dos *Cadernos de Campo*, contam-se mais do que três exemplares deste tipo de artefactos.

Os artefactos votivos de calcário incluem peças de diversas tipologias (Heleno, 1933, p. 10-22). Recolheram-se duas enxós votivas de calcário, 10 ídolos-betilo cilíndricos com comprimentos oscilando entre os 6,5 cm e os 13 cm, sete ídolos afuselados, três deles decorados com caneluras horizontais paralelas, e um deles (conservando apenas a extremidade proximal) parecendo apresentar um conjunto de serpentiformes, «*objecto em forma de chifre*», tipo «tentáculo de polvo», ídolo-pinha decorado com linhas incisas reticuladas, quatro lúnulas, placa decorada com linhas zigzagueantes verticais com três perfurações no topo junto ao bordo, maça-pilão com 26,8 cm de comprimento, um vaso-almofariz...

Trata-se, no geral, de um conjunto de artefactos votivos de calcário que não foge ao característico da Península de Lisboa (Gonçalves, 2003b, p. 167-186), apresentando, contudo, alguns exemplares interessantes. O artefacto tipo «tentáculo de polvo» pode corresponder à possível representação de uma foice com geométricos encabados, inserindo-se no conjunto de artefactos votivos de calcário que pretendem representar instrumentos do quotidiano (tal como o são as enxós e as facas com espigão para encabamento) – refira-se que artefacto semelhante se encontra no Cabeço da Arruda 2, não apresentando, contudo, as pequenas «cristas» que

representariam eventualmente os geométricos encabados (cf. Ferreira e Trindade, 1956). O curioso ídolo afuselado decorado com serpentiformes é afim do notável ídolo-pinha proveniente da Anta de Casaínhos, onde estes signos também aparecem esculpidos (Cardoso, Gonzalez e Cardoso, 2001-2002).

Entre os artefactos de adorno pessoal, contam-se alfinetes de cabelo, de osso, botões de osso, contas de pedra verde, calcário, osso e cerâmica e ainda um lagomorfo de osso (Heleno, 1933, p. 12; p.21).

Refira-se a presença de uma falange decorada com a típica representação das «tatuagens» ou pinturas faciais (Heleno, 1933, p. 14) – peça que, no MNA, está referenciada como proveniente da necrópole das Baútas, mas que Manuel Heleno refere como proveniente de Carenque 1 (Heleno, 1932, Cad. 2) –, um braçal de arqueiro (Heleno, 1933, p. 12) e uma «sovela ou agulha» de cobre recolhida em Carenque 1 (Heleno, 1933, p. 8). Pode-se também avançar a identificação recente de um «ídolo almeriense» ou «ídolo chato», de osso, possivelmente proveniente da Gruta 1 (artefacto em estudo por Carla Martinho, a publicar em próximo número de *O Arqueólogo Português*).

Em relação às placas de xisto gravadas, é referido o seguinte: «Nas oito placas de ardósia aparecidas quatro pertencentes ao grupo que considero mais moderno, têm ornamentação angular, o espelho ladeado de faixas paralelas ou oblíquas e com um só buraco; uma apresenta a singularidade de ter sobre os buracos uma fita de linhas cruzadas prolongada para o bordo, que julgo representar cabelo, semelhante ao que se dá com um cilindro do SE. da Espanha; noutra observa-se uma ornamentação original constituída por espinhas a correr ao comprido e paralelas entre si; finalmente há outra de que não encontro similar nem nas ricas colecções já expostas no Museu Etnológico, nem nas dezenas que trouxe das escavações que realizei no Alentejo. Lembra um machado extremamente espalmado a cujo gume corresponderia uma parte adelgada com dois buracos dispostos oblíquamente. A ornamentação, que abrange apenas a parte média, é nos extremos em zonas horizontais, no centro em faixas verticais. Parece feita da parte recta de uma placa com a forma de báculo» (Heleno, 1933, p.14).

Conclui Manuel Heleno que «o espólio de Carenque esclarece extraordinariamente as religiões do eneolítico português e facilita, a meu vêr, a resolução de um dos mais importantes problemas da nossa pré-história, mostrando que as características placas de schisto gravado e os cilindros de calcário não são possivelmente nem ídolos nem manifestações do culto da palmeira, como pretendem respectivamente Déchelette e Siret, mas talvez representação de mortos ou antepassados.» (Heleno, 1933, p. 25).

## 2 – AS PLACAS DE XISTO GRAVADAS DAS GRUTAS ARTIFICIAIS DO TOJAL DE VILA CHÃ, CARENQUE, E DA NECRÓPOLE DAS BAÚTAS: APONTAMENTOS DE DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS.

### 2.1 – As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque.

No inventário dos materiais arqueológicos provenientes da Gruta 1, realizado por Manuel Heleno, encontram-se sete entradas que se referem a placas e fragmentos de placas de xisto gravadas (Heleno, 1932, Cad. 2). A placa de xisto n.º 198, recolhida no Corredor, corresponderá a CRQ I – 42788; a placa de xisto n.º 201 recolhida no átrio corresponde sem dúvida (pela descrição feita) a CRQ I – 42791; o «frag. de chapão com desenho em linhas quebradas», inventariado com o n.º 416, corresponderá a CRQ I – 42790. São ainda referidos fragmentos de placas de xisto (inventariados com os n.ºs 199, 200, 231 e 317) que poderão corresponder, sem certezas, aos pequenos fragmentos lisos e decorados CRQ I – LAB 1027 (um pequeno fragmento liso e seis decorados, onde se encontram alguns fragmentos pertencentes à placa CRQ I – 42790), CRQ I – LAB 1049 (pequeno fragmento liso) e CRQ I – LAB 1050 (dez fragmentos lisos, mais dois decorados).

Em relação à gruta 2, encontram-se referências a duas placas de xisto – sendo uma delas apenas um fragmento (Heleno, 1932, Cad.3). A placa n.º 487, descrita como um «chapão aparecido no portal de comunicação da camara com o corredor, ornamentação em espinha», corresponde a CRQ II – 43571. Refere-se, também, um «frag. de chapão aparecido na plantaforma [sic] da entrada do corredor. Tem desenho bastante irregular, invulgar», correspondendo, possivelmente, a CRQ – 43572. É também referida uma «aguçadeira» proveniente da Corredor (n.º 625-626), muito provavelmente uma placa de grés.

A gruta 3 não forneceu placas de xisto gravadas, apenas uma «aguçadeira» (Heleno, 1932, Cad. 3, n.º 701), mais uma vez, provavelmente, uma placa de grés.

Para nomenclatura e critérios descritivos, ver Gonçalves, 2004a.

Considerada a escassa dimensão da amostra, dispensámos a apresentação em Quadros, incluindo na descrição em corrido as principais medidas.

As abreviaturas desenvolvem-se assim:

6 (ou *n*) T: Triângulo 6 (ou *n*) de uma sequência;

B (ou *n*) 2: Banda 2 (ou *n*)

BI (ou *n*) 1: Banda interrompida 1 (ou *n*), diz-se das bandas que normalmente

contém triângulos e se interrompem pela presença da *Cabeça dentro da Cabeça*. Cb-d-Cb: *Cabeça dentro da Cabeça*, diz-se do triângulo ou do trapézio ou do (raro) rectângulo que é central na área considerada a «Cabeça da placa»;

DPF: diâmetro da perfuração na face;

DPV: diâmetro da perfuração no verso;

F.p.T: faixa de topo geralmente preenchida, interpretada por Manuel Heleno (e outros) como uma representação do cabelo.

IFB: Indicador de fim de banda;

IFP: Indicador de fim de placa;

IIB: : Indicador de início de banda;

L (ou *n*) 4: linha 4 (ou *n*), ver Fig. 11;

S. Cb-Cp: Separador Cabeça-Corpo (uma linha, uma faixa vazia, uma ou mais faixas preenchidas;

S.i.f.p.: Separador intermédio (faixa preenchida);

Si.f.v.: Separador intermédio (faixa vazia);

TPVPC: Triângulos preenchidos com vértice para cima.

#### 2.1.1 – A placa CRQ (1) 42788.

Placa de contorno trapezoidal tendo como motivo dominante do corpo bandas de TPVPC constituídas segundo a fórmula

IIB+5T+IFB

IIB+6T

6T

Cabeça triangular ladeada por 4+4 faixas horizontais preenchidas; Separador Cb-Cp: 1 faixa preenchida.

Esta placa apresenta dificuldades de leitura não só pela decoração ter sofrido forte erosão como pelos seus bordos terem sido ainda mais acentuadamente erodidos, perturbando particularmente a leitura dos dois IIB registados.

Altura total: 14\* cm; altura da Cabeça: 4,4\* cm; altura de B1: 2,5 cm; altura de B2: 3,15 cm; de B3: 3,2 cm; largura na base: 7,8 cm; largura no topo: 5,7\* cm; espessura: 0,65 cm.

A perfuração, bem centrada, bitroncocónica tem um diâmetro de 0,32 cm na face e 0,32\* cm no verso.

A placa foi gravada sobre um suporte ligeiramente afectado por deformações de planos, visíveis no actual lado direito da cabeça (direito do observador, esquerdo da placa).



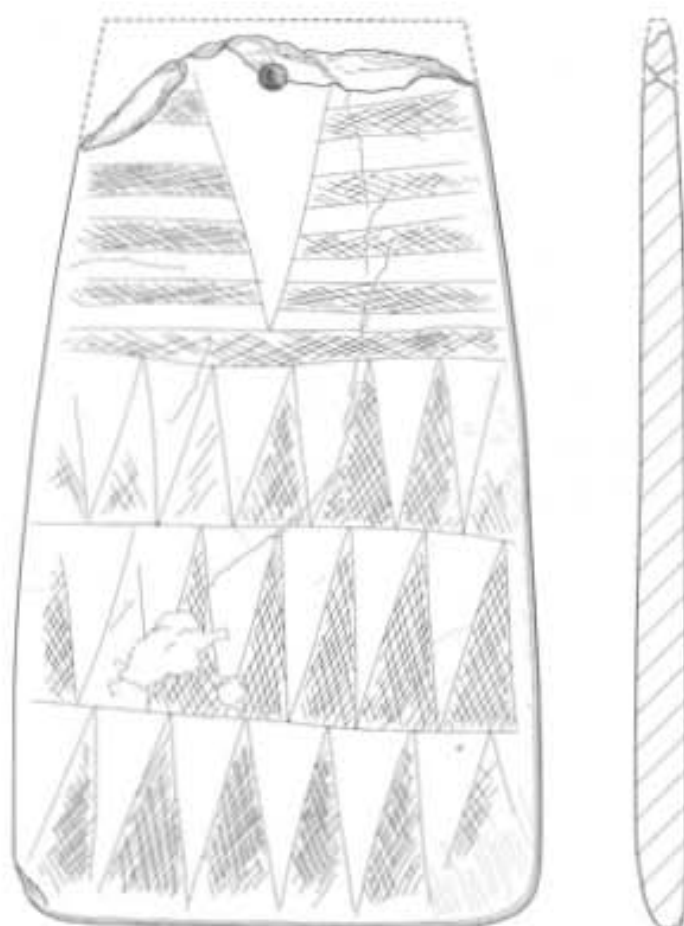


Fig. 8 - Placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 1, CRQ 1 - 42788.

Carenque 1  
CAR1 - 42788

### 2.1.2. A placa 42789

Placa de contorno trapezoidal, com os cantos boleados. Cabeça incluindo motivo central em bico de corvo, ladeado por 4+4 faixas horizontais preenchidas, com remate preenchido no topo. Grande Separador Cabeça - Corpo com 6 triângulos, preenchidos com o vértice para cima. Motivo principal do Corpo: 5 faixas ziguezagueantes preenchidas, sem linhas-guia, com 3 triângulos preenchidos com o vértice para cima como *indicador de fim de placa*. Motivos do Corpo muito destruídos até sensivelmente 8 cm a contar da base da placa e algum apagamento nas faixas preenchidas da Cabeça. Uma perfuração bitrocónica, centrada, no topo do bico de corvo.

É relativamente incomum a composição geral de esta placa, para a qual se não encontraram muitos paralelos, sobretudo (1) pela altura do Separador Cabeça - Corpo com triângulos preenchidos como motivo; (2) pela entrada dos vértices dos triângulos do indicador de fim de placa nos planos recuados da última faixa ziguezagueante.

A altura total da placa é de 15,57 cm. Altura da Cabeça: 4,81. Alt. Do Separador Cabeça - Corpo: 2,45. Altura do Corpo: 8,31 cm. O diâmetro da perfuração na face





Fig. 9 – Placa de xisto gravada CRQ – 42789.

e no verso é de 0,55 cm. A largura no topo da placa é de 6,35\* cm e a presumida da base, após reconstituição gráfica, de 9,2. Espessura num ponto médio: 0,92 cm.

### 2.1.3 – A placa CRQ (1)-42790.

Placa trapezoidal com uma perfuração cónica centrada (obtida da face para o verso). Está muito destruída por escamamento, mas é possível afirmar que o motivo dominante do corpo é constituído por faixas quebradas estruturadas por linhas-guia verticais (provavelmente quatro). Na base das linhas-guia parece ter sido construído um IFP com remates triangulares, sendo ainda visível, no fim do IFB, um último que fecha o espaço à direita. Nenhuma observação é possível de fazer sobre a cabeça devido ao escamamento total que afecta esta área e à completa perda do plano gravado.



Fig. 10 – Placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 1, CRQ 1 – 42790.

Altura total: 16,2 cm; diâmetro da perfuração na face: 0,6 cm; diâmetro da perfuração no verso: 0,37 cm; espessura: 0,64 cm.

#### 2.1.4 – A placa CRQ (1)-42791.

Uma notável placa caracterizada por uma gravação profunda particularmente nítida na gravação do Triângulo – Cabeça e da sua delimitação de topo e na delimitação das duas primeiras bandas de TP e na linha divisória das duas bandas do separador interno. Esta placa, a mais espessa do conjunto (1,25 cm), apresenta também características muito interessantes na paginação e na própria sequência de gravação.

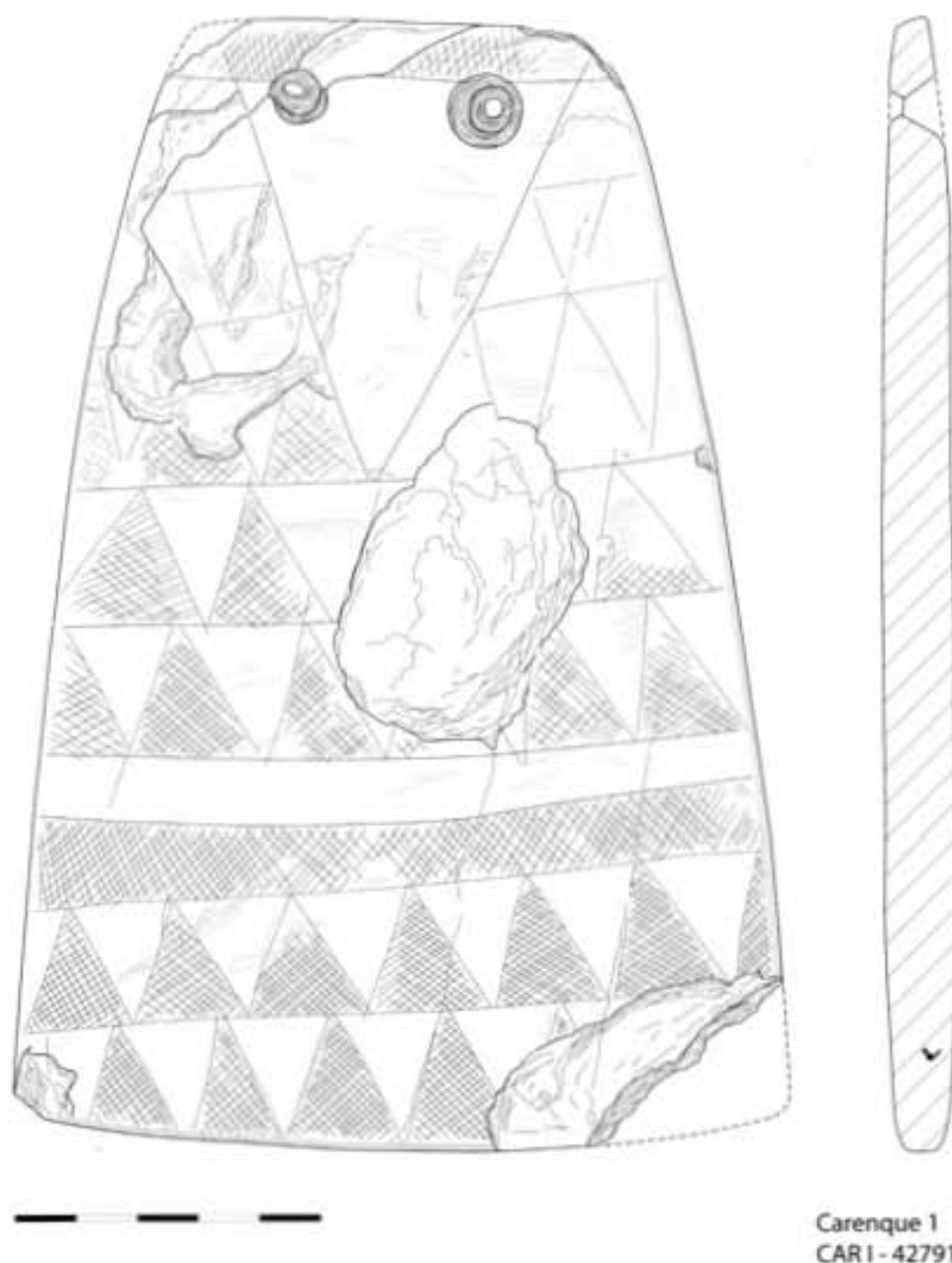


Fig. 11 – Placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 1, CRQ 1 – 42791.

Altura total: 18,7 cm. Altura da Cabeça: 7,6 cm. Altura do Corpo: 11,1 cm.  
 Alturas nos inícios da faixa preenchida de topo e das bandas: FpT: 1 cm; Bi-1: 1,9; Bi-2: 2,4; Bi-3: 2,4; B1: 2,2; B2: 2,1; SIPV: 1; SIPP: 1,5; B3: 2; B4: 1,5.  
 Largura na base: 12,7\*. Largura no topo: 7\*.

O diâmetro das perfurações na face é de 0,72+1,23 cm e, no verso, 0,53+0,77cm.

A observação em lupa binocular evidencia alguns pontos curiosos. Em primeiro lugar, as perfurações, bitroncocónicas, com os troncos de cone desacertados entre si,

mostram que na face a perfuração à nossa esquerda foi feita da direita para a esquerda, e a outra da esquerda para a direita. As perfurações são indiscutivelmente anteriores à gravação da placa, sendo o traço inferior da faixa preenchida da cabeça observável já no interior da perfuração. A gravação das diferentes estruturas de paginação apresenta também diferenças acentuadas, tal como se dois instrumentos diferentes tivessem sido usados, tendo um produzido uma gravação mais definida e profunda e o outro uma gravação mais ligeira. Em termos gerais, a delimitação das bandas superiores ao separador interno é muito mais firme que as restantes.

A observação demorada desta placa tornou-se obrigatória devido a algumas dificuldades no entendimento das sequências de gravação.

A situação mais comum, no que se refere à paginação das placas de xisto com bandas preenchidas a triângulos, é a gravação de traços horizontais que os enquadram, formando as bandas. O que parece lógico. No entanto a diferente

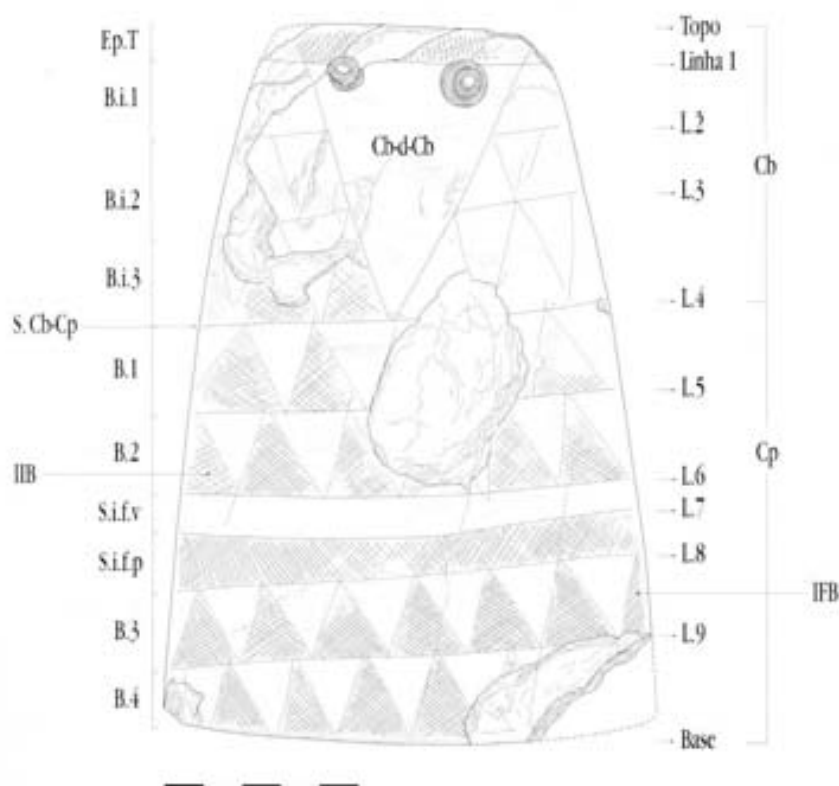


Fig. 12 – Códigos de referência para a placa 42791.

6 (ou n) T: Triângulo 6 (ou n) de uma sequência; B (ou n) 2: Banda 2 (ou n); BI (ou n) 1: Banda interrompida 1 (ou n), diz-se das bandas que normalmente contém triângulos e se interrompem pela presença da Cabeça dentro da Cabeça.; Cb-d-Cb: Cabeça dentro da Cabeça, diz-se do triângulo ou do trapézio ou do (raro) rectângulo que é central na área considerada a «Cabeça da placa»; F.p.T: faixa de topo geralmente preenchida, interpretada por Manuel Heleno (e outros) como uma representação do cabelo; IFB: Indicador de fim de banda; IIB: Indicador de início de banda; L (ou n) 4: linha 4 (ou n); S. Cb-Cp: Separador Cabeça-Corpo (uma linha, uma faixa vazia, uma ou mais faixas preenchidas; S.i.f.p.: Separador intermédio (faixa preenchida); S.i.f.v: Separador intermédio (faixa vazia); TPVPC: Triângulos preenchidos com vértice para cima.

gravação desta placa evidenciou linhas horizontais com diferentes tipos de gravação (ver fig. 12). Assim, tanto TC2 e 3, lados do Triângulo-Cabeça, como as linhas 1 a 7 foram gravados com uma profundidade que não foi utilizada nas linhas 8 e 9. Poderia argumentar-se, num arriscado exercício de dedução, que todos os traços mais profundos se encontram aplicados à sequência FT BI1 a 3, B1 e B2, e ainda à primeira das duas faixas do separador interno, precisamente a vazia. O tratamento diferenciado poderia ser interpretado neste contexto como uma forma de marcar a Cabeça e o Corpo, estando nós nesta placa perante um IFP de área particularmente extensa. No entanto, não é impossível que toda a parte correspondendo a FT, às BI e à B1 e B2 tenha sido reavivada, com um traço mais fundo, posteriormente a uma primeira gravação, o que explicaria alguns problemas de sequência de gravação detectados no limite superior de B1. De qualquer forma, estamos indiscutivelmente perante um caso muito pouco comum no universo das placas de xisto gravadas. Com recurso à fig. 11, onde se indicam os códigos de referência usados para esta placa, listamos as seguintes observações

1. a faixa de topo preenchida desta placa é, de algum modo, similar à muito discutida gravação do topo da placa J.8-667 de STAM-3 (Gonçalves, 2003) e formalmente aproximável das faixas melhor definidas de placas como a MEV-5141 da Anta de Cabacinheiros (Gonçalves, Pereira e Andrade, 2005), MEV-6370 da Anta Grande do Zambujeiro ou a de El Pozuelo 4, Huelva (Gonçalves, 2003, Fig. 110, p. 295);
2. a composição de toda a Cabeça da placa reside na faixa de topo referida, no triângulo que começa a baixo dela e em três bandas interrompidas preenchidas, nos dois últimos casos, por TVVPB, o que também não é absolutamente certo;
3. abaixo das 3 BI que ladeiam o triângulo temos uma sequência de duas bandas preenchidas com TPVPC, uma faixa vazia, outra preenchida, e de novo duas bandas com TPVPC;
4. o que ressalta da observação directa da placa é também o facto de os contornos serem gravados com muito maior nitidez e profundidade que os preenchimentos, que parecem realmente ter sido executados com um instrumento manejado com muito pouca pressão;
5. é também importante sublinhar que este tipo de representações da Cabeça é bastante incomum, mas tem paralelos conhecidos e normalmente corresponde a uma alteração nos padrões mais comuns de construção das placas de Cabeça triangular;
6. na linha 4 observa-se justamente uma situação peculiar. Os triângulos da B1 não afectados pela destruição apresentam como características o vértice superior de T1 não existir, mergulhando os lados no sulco L4, T2 prosseguir para lá de

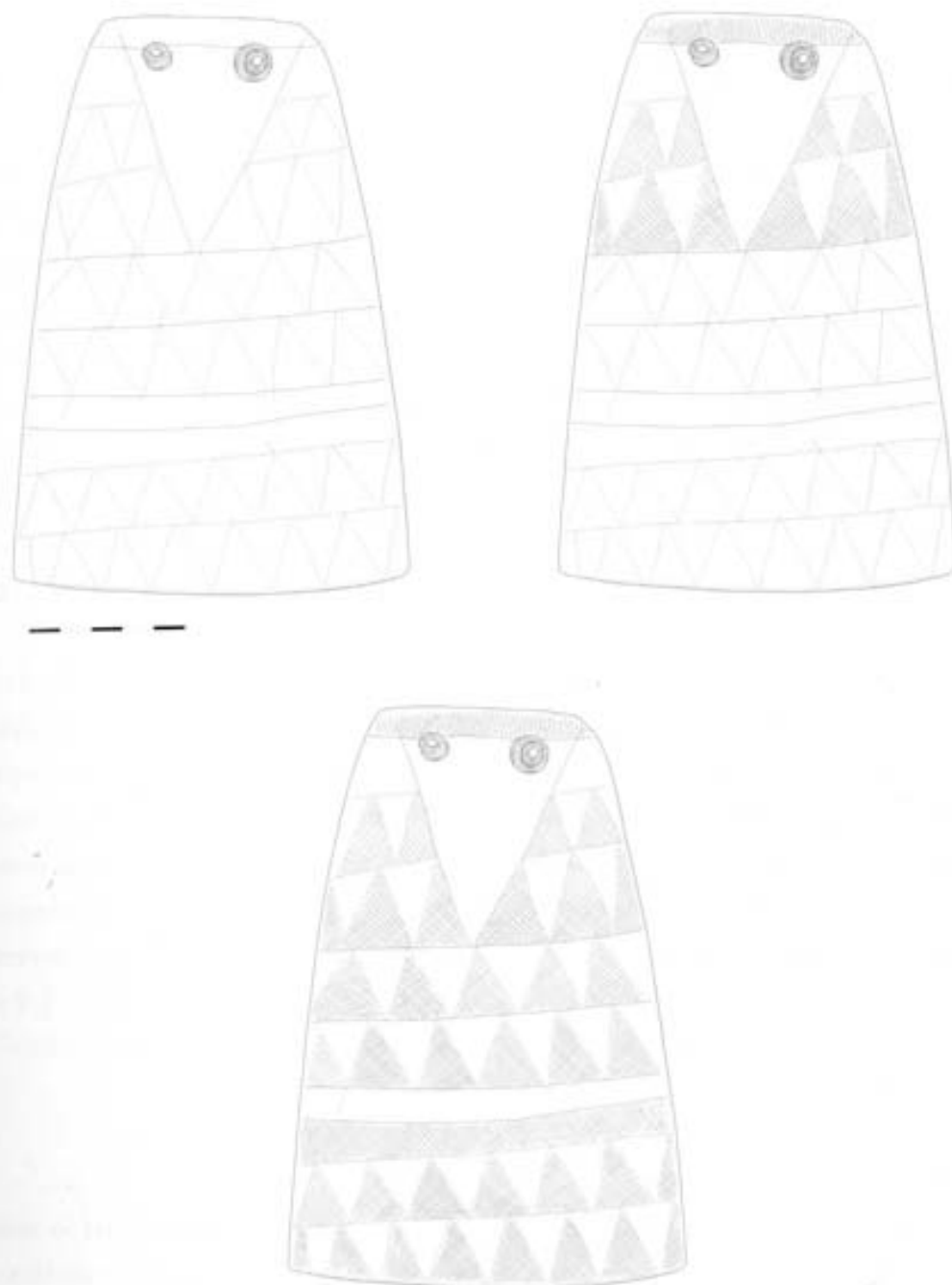


Fig. 13 – A paginação da placa 42791. na primeira imagem, as linhas que irão conter a decoração dos componentes (faixas e triângulos; na segunda, o preenchimento da Cabeça integralmente reconstituído; na terceira, a placa como muito provavelmente seria sem os fenómenos pós-deposicionais de erosão que apagaram áreas gravadas. A única dúvida reside na Bi-1, que poderia eventualmente ter 1+1 triângulos, mas nada é actualmente visível.

L4 no seu lado esquerdo, enquanto T5 ultrapassa L4, aqui menos profundo ou mais erodido que no início da banda;

7. no caso de B2, e mais propriamente em L5, esta linha é claramente cortada pelo T1 de B1, mas no caso de T3, observa-se que a um plano superior do fundo de L5, ele corta esta última linha;



8. ainda em B2, o traçado de T1 ultrapassou largamente o Limite de L6, atravessando quase todo o SIPV. Também neste caso é claro que L6, como L4 e L5, é anterior à gravação dos triângulos;
9. A gravação no interior de SIPP, tal como o preenchimento de B3 e B4 e a marcação dos seus triângulos, é acompanhada por marcações menos profundas que as que seriam definitivas, levantando mais uma vez a probabilidade da existência de reavivamentos.

#### 2.1.5 – A placa CRQ (2)-43571.

Placa relativamente fina (0,55 cm), subrectangular ou trapezoidal muito alongada, apresentando um elevado grau de erosão na face, enquanto o verso se encontra muito melhor conservado, sendo nele visíveis traços oblíquos e verticais de polimento. A perfuração única está bem centrada, é bitroncocónica, com a maior parte do seu percurso no sentido face-verso.

O modelo seguido para a área de gravação da Cabeça parece ter sido de 1+1 faixa radiante, definindo um triângulo aberto ladeado por faixas preenchidas que se encontram a tal ponto apagadas que é impossível identificá-las do lado esquerdo do observador, enquanto do lado direito apenas uma tem a nitidez suficiente para uma interpretação integral. O Corpo é preenchido por finas faixas verticais com oblíquas ascendentes na primeira faixa, descendentes na segunda, prosseguindo a alternância que forneceria, assim, uma eventual imagem de espiga invertida.

A altura total da placa é de 14,12 cm, a Cabeça não ultrapassa os 3,9 cm e a largura das faixas verticais os 0,38 cm. O diâmetro de perfuração na face é de 0,47 cm e no verso, 0,4 cm.

#### 2.1.6 – A placa CRQ (2)-43572.

Fragmento de placa de dimensão insuficiente para se concluir o motivo dominante do corpo, com incisões posteriores, fundas, feitas com um instrumento aguçado, que cortam claramente a gravação original. No que é ainda possível observar, distingue-se um triângulo de vértice para baixo, ladeado de dois outros de vértice para cima, os três preenchidos com retícula. Mas, se rodarmos a peça 200°, a leitura continua a ser a da simetria referida.

Apesar do escamamento observada no verso, a espessura máxima de 0,83 cm registada aproxima-se muito provavelmente da presumível espessura da peça.

#### 2.2 – A placa de xisto gravada da necrópole das Baútas.

Manuel Heleno (1932, Cad. 1) refere a recolha de três placas ou fragmentos de placas de xistos gravadas. Inventaria com o nº 79 «um chapão inteiro

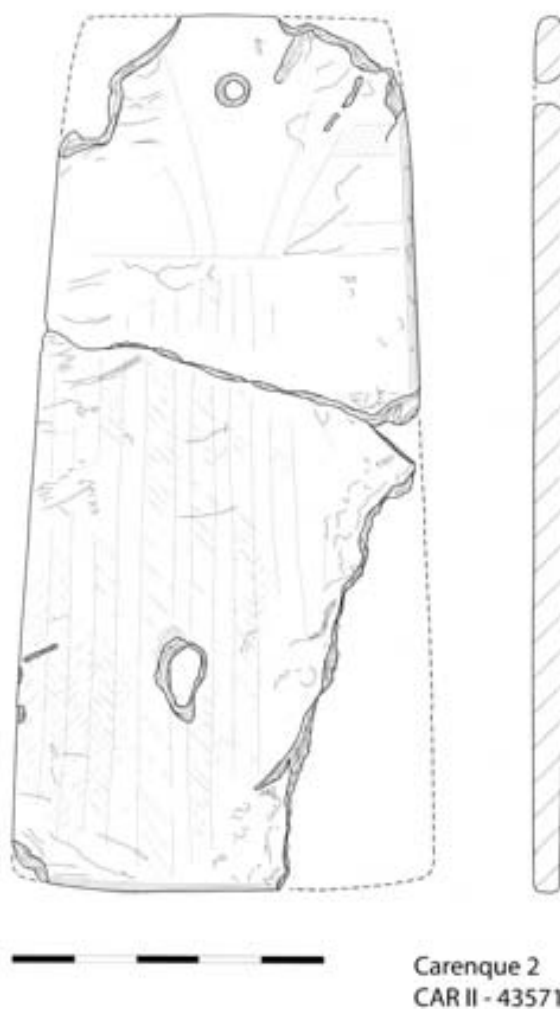


Fig. 14 - Placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 2, CRQ 2 - 43571.

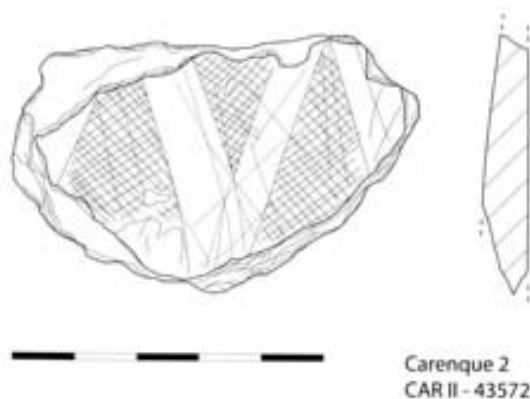


Fig. 15 - Fragmento de placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 2, CRQ 2 - 43572.

*ornamentado, com um buraco, em angulos*», que corresponderá à placa 43491. É referido um fragmento de bordo de placa de xisto gravada (artefacto nº 50) e um artefacto que, no trabalho publicado em 1933, é referido como uma estranha placa de xisto gravada (cf. acima, ponto 1.3). No Caderno de Campo nº 1, é descrito da seguinte forma: «objecto de ardósia (ídolo?) ornamentado, mas já partido em três partes. O desenho apresenta na parte central do objecto que tem a forma duma arma (punhal), aguçado na parte mais larga como que para receber empunhadura e com dois buracos em linha oblíqua e um que não furou.

«O desenho começa na parte mais larga com uma faixa em espinha horisontal [sic] e outra no mesmo sentido na parte mais estreita. Estão estas duas verticais, correndo ao comprido do objecto.

«Na parte aguçada (terminal) não há desenho.»

Nem este, nem o pequeno fragmento de bordo de placa de xisto gravada foram encontrados, tendo-se revelado infrutíferas as diversas diligências realizadas quer no depósito do MNA quer na sala onde se guardam os materiais provenientes da extinta exposição permanente, pelo que não poderão ser aqui descritos pormenorizadamente – o que, especialmente em relação ao estranho artefacto de xisto que até a Manuel Heleno causou admiração, seria extremamente indispensável.

#### 2.2.1 – A placa 43491 (MNA 0589).

A placa da estranha necrópole das Baútas apresenta uma cabeça com uma gravação desacertada nas áreas laterais começando, à esquerda do observador, por um remate seguido de uma faixa mais ou menos horizontal, de outra curvilínea, e terminando em uma quarta que se adossa ao separador unilinear de Cabeça-Corpo. Do lado direito do observador são visíveis cinco faixas oblíquas, a inferior correspondendo à do lado oposto, no que é única. Dentro da cabeça corresponde ao triângulo vazio variante «bico de corvo».

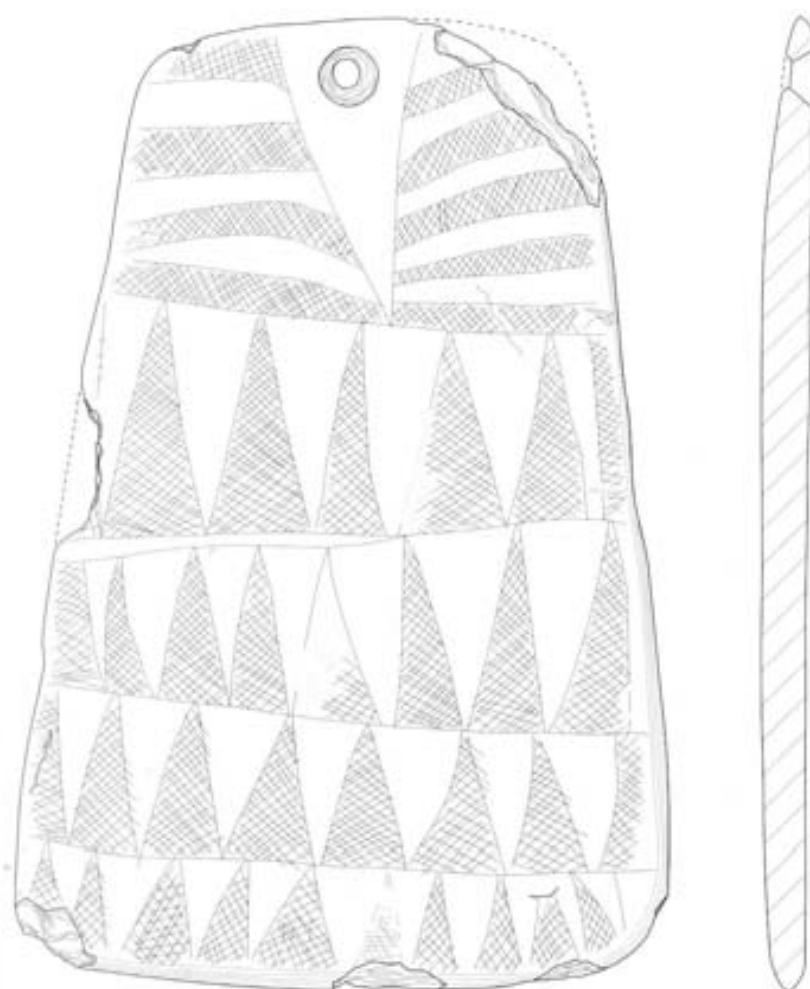
No corpo encontramos, de cima para baixo, quatro bandas de altura decrescente de TPVPC, sendo a base da B1 inicialmente marcada com alguma regularidade até cerca de metade da largura e depois substituída por um traço serpentiforme que irá servir de apoio à base de B1 T4 e T5. A fórmula de preenchimento do corpo é

B1: 5T+IFB

B2: IIB+7T

B3: IIB+7T, o último praticamente um IFB.

B4: 10T.



Nec. Baútas  
43491 (MNA-0589)

Fig. 16 – Placa de xisto gravada da necrópole de Baútas, 43491 (MNA 0589).

Altura total: 15,3 cm; altura da Cabeça: 4,87 cm; altura de B1: (4,06 – 3,5 – 3,07 cm); altura de B2: (1,97 – 2,88 – 3,4 cm); B3: (2,56 – 2,17 – 2,12 cm); altura de B4: 1,78cm.

DPF: 0,93 cm; DPV: 0,5.

Espessura: 0,73 cm.



Fig. 17 – Placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 1, CRQ 1 – 42788. 4:5.



Fig. 18 – Placa de xisto gravada proveniente de Carenque 1, 42789. 4/5.





Fig. 19 – Placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 1, CRQ 1 – 42790. 4-5.



Fig. 20 – Placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 1, CRQ 1 – 42791. 4/5.



Fig. 21 – Placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 2, CRQ 2 – 43571. 4:5.

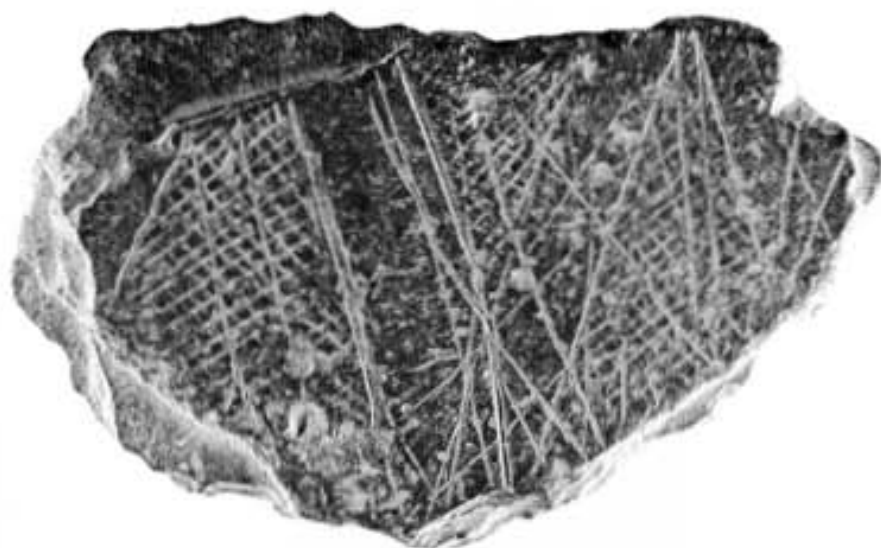


Fig. 22 – Fragmento de placa de xisto gravada da gruta artificial Carenque 2, CRQ 2 – 43572.



Fig. 23 – Placa de xisto gravada da necrópole de Baútas, 43491 (MNA 0589). 4-5.



Fig. 24 – Pormenor da Cabeça da placa CRQ (1) 42788.



Fig. 25 – Pormenor da base da placa CRQ (1) 42789.



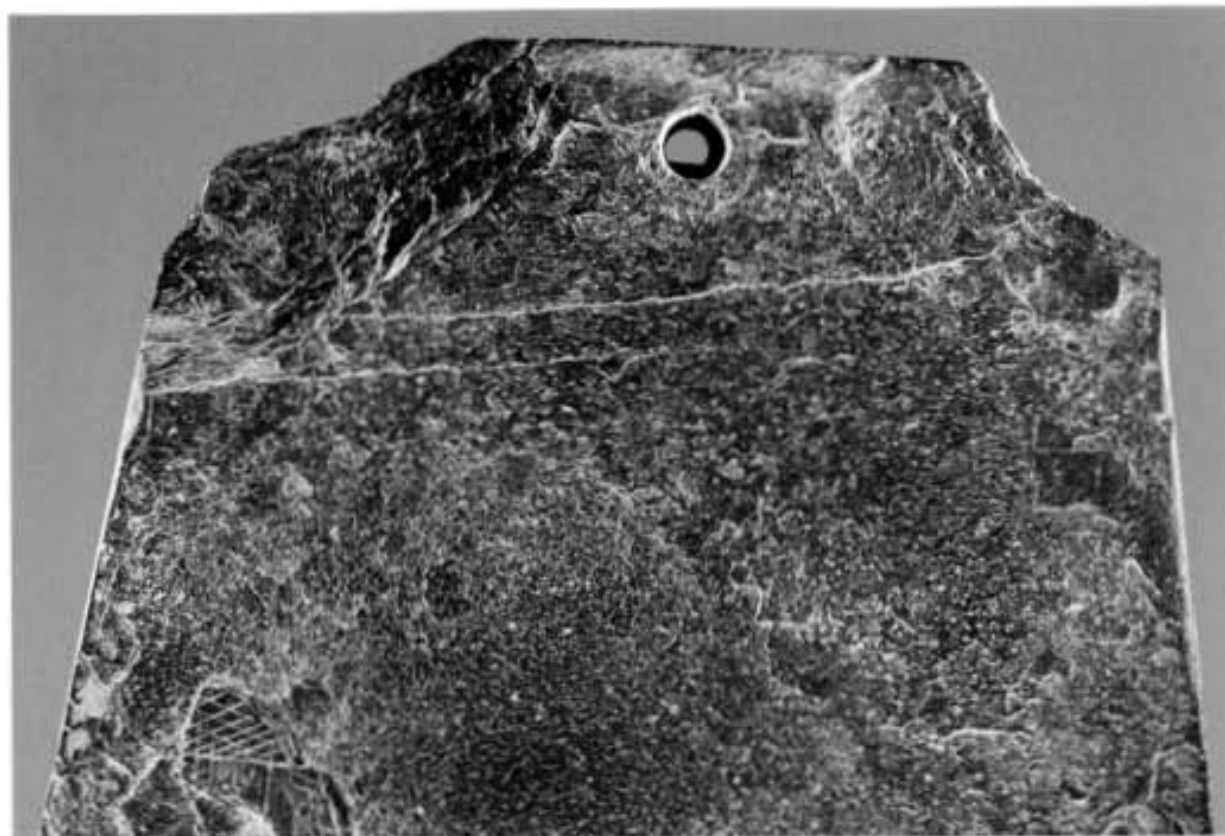


Fig. 26 – Pormenor da Cabeça da placa CRQ (1) 42790.

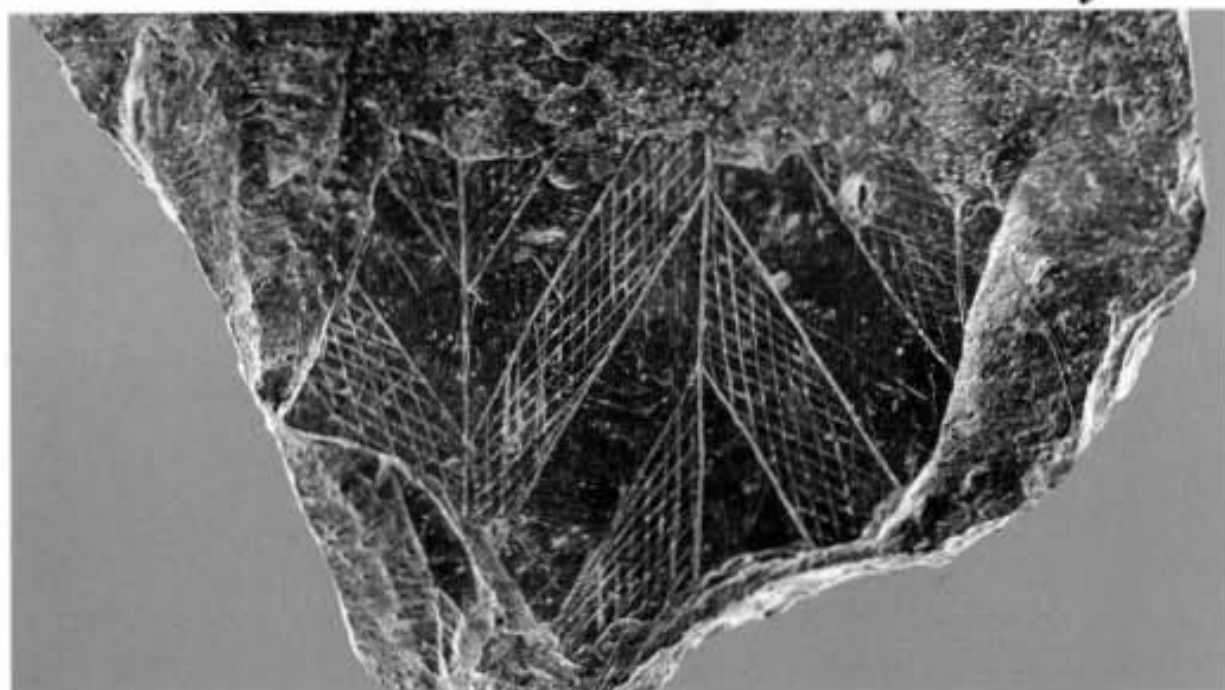


Fig. 27 – Pormenor da extremidade proximal da placa CRQ (1) 42790.



Fig. 28 – Pormenor da Cabeça da placa CRQ (1) 42791.



Fig. 29 – Pormenor da Cabeça da placa CRQ (Z) 43571.



Fig. 30 – Pormenor da Cabeça da placa BTS 43491.

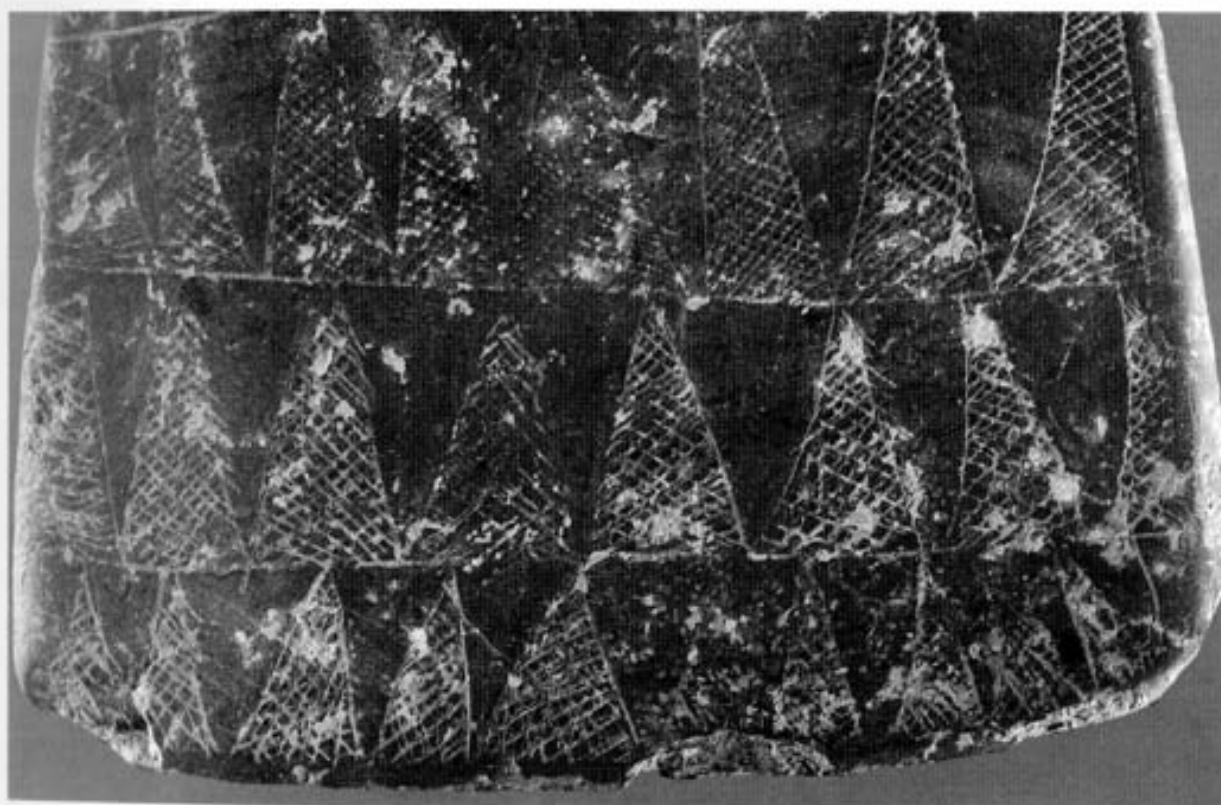


Fig. 31 – Pormenor da extremidade proximal da placa BTS 43491.

### 3. OS MONUMENTOS E OS SÍTIOS ENVOLVENTES

#### 3.1 – Contexto arqueológico.

Na área envolvente das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque e necrópole das Baútas, caracterizada, em termos imediatos, por três elevações separadas pelo Rio Jamor e pela Ribeira de Carenque, regista-se a existência de importantes monumentos e sítios das antigas sociedades camponesas, destacando-se o conjunto das Antas de Belas e o monumento do Pego Longo (Ribeiro, 1880) e os povoados de Espargueira, Serra das Éguas e Baútas (Arnaud e Gamito, 1972; Leitão, North e Ferreira, 1973). Um pouco mais afastados, encontram-se o *tholos* de Agualva e a Anta do Carrascal para Oeste (Ferreira, 1953), e os monumentos megalíticos de A-da-Beja, Trigache e Caneças para Este (Ferreira, 1959; Ribeiro, Leisner e Ferreira, 1961). Alargando o círculo, temos os povoados de Vale de Lobos (Spindler, 1978) e Olelas (Serrão e Vicente, 1958) a cerca de 6 e 8 km para Noroeste, respectivamente, e a gruta do Correio-Mor (Cardoso et al., 1995; Cardoso, 2003) a cerca de 7,5 km para Nordeste.

Curiosa é a concentração de distintas práticas funerárias em tão pequeno espaço, encontrando-se deposições em grutas artificiais, possivelmente em silo, em monumentos ortostáticos e em monumentos de falsa cúpula – estando ainda por definir se esta diversidade é sincrónica ou diacrónica. Refira-se que, no conjunto, os espólios votivos destes monumentos não divergem muito entre si – diga-se somente que, no âmbito específico deste trabalho, apenas a Anta do Monte Abraão (se não contarmos com o báculo da Estria) continha placas de xisto gravadas, sendo uma delas reaproveitada (Ribeiro, 1880; Leisner, 1965; cf. a respeito deste tipo de artefactos Gonçalves, Pereira e Andrade, 2003). No entanto, Augusto Filipe Simões apresenta um pequeno fragmento de placa de xisto gravada como proveniente da Anta da Estria (Simões, 1878, p. 52), fragmento que não é referido no trabalho publicado pelo escavador do monumento (Ribeiro, 1880).

Em relação aos povoados, temos, na envolvência imediata das grutas artificiais de Carenque e da necrópole das Baútas, para além de pequenos sítios neolíticos e calcolíticos mal definidos (cf. Miranda et al., 1999), os já referidos povoados de Espargueira, Serra das Éguas e Baútas – povoados incompreensivelmente mal conhecidos.

Os dois primeiros são difíceis de localizar com precisão no terreno, hoje muito por conta das alterações antrópicas na paisagem, variando a sua localização de autor para autor, sabendo-se apenas que se situam algures na actual Serra da Silveira.



Manuel Heleno, fiel ao seu famoso rigor descritivo, refere apenas que «para Este da ribeira [de Carenque] os terrenos vão subindo, e por toda essa encosta, pelo vale formado por esta e pela Serra das Éguas se encontram restos de habitações, se acham provas abundantes da existência de povoados prèhistóricos» (Heleno, 1933, p. 7).

Manuel Leitão e colaboradores colocam o povoado da Serra das Éguas num esporão da Serra da Silveira, perto da sua extremidade sul, e Espargueira a meia encosta, relativamente perto da Ribeira da Carenque, entre a Serra das Éguas e uma elevação a Este desta ribeira (Leitão, North e Ferreira, 1973, p. 143). J. Morais Arnaud e T. Júdice Gamito localizam o povoado da Serra das Éguas «a meia encosta da Serra de A-da-Beja [actual Serra da Silveira], sobranceiro ao Casal Vicente» e o da Espargueira «entre os moinhos do Tojal e a extremidade Este da povoação de Carenque» (Arnaud e Gamito, 1972, p. 121). J. L. Miranda e colaboradores consideram estes dois povoados como uma única realidade, duas áreas correspondentes a um extenso povoado, explicando a dispersão de materiais pelas encostas com escorrências de águas pluviais pelas vertentes da actual Serra da Silveira, encontrando-se o povoado no seu topo – sendo assim designado, num sentido geral, como Espargueira-Serra das Éguas (Miranda et al., 1999, p.19-22).

Já Manuel Heleno aludia ao abundante espólio de estes dois sítios arqueológicos, referindo a recolha de «dezenas de machados, alguns com sulco; muitos furadores de osso, goivas, pendentes, vasos com buracos de suspensão, loiça campaniforme, pente de osso para ornamentar, facas abundantíssimas, algumas aguçadas, sétas, raspadeiras, agulhas e furadores de osso, etc.» (Heleno, 1933, p.22-23). De entre este espólio (e o recolhido posteriormente), destaca-se, principalmente na Serra das Éguas, o notável conjunto de bordos denteados de diversas tipologias e taças carenadas, contando-se também com os copos canelados e o campaniforme maioritariamente inciso (Leitão, North e Ferreira, 1973, Bubner, 1979; Gonçalves, 1989, p. 449-450; Gonçalves, 1993). Refira-se também a recolha de micrólitos crescentes (Leitão, North e Ferreira, 1973) e de abundantes artefactos de osso, de entre os quais se destaca um pente (Salvado, 2004). Refira-se que estes dois povoados foram referenciados por K. Spindler, na definição do seu «Parede-Gruppe» (Spindler, 1976, p. 38).

O povoado das Baútas, naturalmente fortificado pelas formações de lapiás, ocupa um esporão rochoso na margem esquerda da Ribeira de Carenque, na serra entre esta e o Rio Jamor, estando hoje quase totalmente destruído. No que nos interessa no âmbito cronológico deste trabalho, registaram-se aqui ocupações correspondentes ao Neolítico final e todo o Calcolítico, com a presença de bordos denteados, cerâmica mamilada e alguns fragmentos com decoração impressa e



incisa, copos canelados, cerâmica decorada com folha de acácia, potes decorados com caneluras largas e campaniforme de tipo pontilhado, a par de micrólitos geométricos, ponta de seta mitriforme, lâminas ovóides e fragmento de alabarda – contando-se também com alguns elementos líticos de feição arcaizante (Arnaud e Gamito, 1972). Refira-se que este sítio possui duas datações TL, nomeadamente OxTL 169d (ii):  $3100 \pm 305$  AC e OxTL 169d (i):  $2650 \pm 260$  AC, datando, segundo E. H. Whittle e J. Morais Arnaud, o Neolítico e o Calcolítico campaniforme do povoado (Whittle e Arnaud, 1975; cf. também Soares e Cabral, 1993).

No geral, o que importa perceber é a relação entre Serra das Éguas e Espargueira, na margem direita da Ribeira de Carenque, e Baútas, na margem esquerda – qualquer um deles dominando o seu vale – e a relação do conjunto com os monumentos megalíticos do espaço envolvente. A sincronia ou diacronia entre qualquer uma destas evidências está ainda por esclarecer, embora, como notaram J. Morais Arnaud e T. Júdice Gamito, «o espólio destas duas estações [Serra das Éguas e Espargueira] [...] apresenta consideráveis diferenças entre si, maior sendo ainda a diferença entre estes e o da Serra das Baútas» (Arnaud e Gamito, 1972, p. 121-123). Com efeito, já Manuel Heleno havia notado diferenças entre os dois primeiros sítios, concluindo que o espólio da Serra das Éguas é mais antigo, e que Espargueira, necrópole das Baútas e grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque, pertencem a um mesmo momento (Heleno, 1933, p.23). São, no entanto, conjuntos cronológicos em que se podem enquadrar as placas de xisto gravadas aqui apresentadas – com efeito, na Serra das Éguas foram recolhidos fragmentos de placas de xisto gravadas com motivos geométricos (bandas de triângulos), embora o seu contexto não seja seguro, não se sabendo a que conjunto artefactual pertencem (Heleno, 1932, Cad. 4; Miranda *et al.*, 1999, p.19).

### 3.2 – Considerações finais.

A necrópole de grutas artificiais do Tojal de Vila Chã e o monumento das Baútas foram escavados numa área com uma abundante e diversificada presença de importantes povoados, como Baútas, Espargueira ou Serra das Éguas, cujo estudo se encontra ainda muito incompleto, mas que evidencia a fortíssima presença na região de comunidades da transição do 4º para o 3º milénio e de toda a primeira metade de este.

É muito importante verificarmos que as placas de xisto gravadas são, mais uma vez, uma minoria dentro do conjunto artefactual votivo das grutas artificiais, onde dominam largamente os artefactos votivos de calcário. No caso do Tojal de Vila Chã, a própria situação das placas no momento em que foram encontradas é significativo: quase sempre no Corredor ou na ligação entre este e a Câmara,

mostrando serem efectivamente intrusões posteriores à construção e primeiro uso dos monumentos.

As placas de grés estão igualmente presentes, não sendo outra coisa as «aguçadeiras» a que se refere Heleno. Com efeito, as placas de grés são, infelizmente, excelentes para afiar navalhas ou canivetes, mesmo facas, tendo sido «à socapa» para tal utilizadas por muitos dos trabalhadores rurais contratados para escavações arqueológicas nos Alentejos de Heleno e dos Leisner. Pelo que, na Península de Lisboa, o mesmo uso não é de estranhar...

Tal como no caso de S. Paulo 2 (Gonçalves, Andrade e Pereira, 2004) ou do Correio Mor (Cardoso, 2003), as placas de xisto gravadas traduzem uma introdução, só à primeira vista paradoxal, de um «sagrado exógeno» em contextos de grande homogeneidade ritual e não deixa de ser curioso verificar que em nenhuma das situações em análise existe qualquer presença maioritária que não seja a dos artefactos votivos de calcário, e, em ambas, estes representam séries de grande qualidade (particularmente no Correio Mor) e de grande diversidade e número (no caso de S. Paulo 2). E toda a história das relações entre estes dois diferenciados subsistemas mágico-religiosos continua, à minguia de melhor informação, por fazer. Naturalmente, a eles voltaremos.

Lisboa, Inverno de 2004

## BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. M.; GAMITO, T. J. (1972) – O povoado fortificado neo- e eneolítico da Serra das Baútas (Carenque, Belas). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 3ª Série, 6, p. 119-161.
- BUBNER, M. A. H. P. (1979) – Cerâmica de importação na Estremadura Portuguesa. *Ethnos*. Lisboa. 8: 7, p. 31-85.
- BUBNER, T. (1986) – Restos humanos de Carenque. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4ª série, 4, p. 91-148.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11, p. 229-321.
- CARDOSO, J. L.; GONZALEZ, A.; CARDOSO, G. (2001-2002) – Um notável ídolo de calcário do dólmen de Casaínhos (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 375-385.
- CARDOSO, J. L. [et al.] (1995) – O santuário calcolítico da Gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 97-123.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. (1995) – Sobre a cronologia das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Almadan*. Almada, Série 2, nº 4, p. 10-13.

- FERREIRA, O. da V. (1953) – O monumento pré-histórico de Agualva (Cacém). *Zephyrus*. Salamanca. 4, p. 145-166.
- FERREIRA, O. da V. (1959) – Inventário dos monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa. In *Acta do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Vol. 1, p. 215-230.
- FERREIRA, O. da V. (1966) – *La culture du vase campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. (Memórias 12; nova série).
- FERREIRA, O. da V.; TRINDADE, L. (1956) – La nécropole de Cabeça da Arruda (Torres Vedras). In *Congreso Internacional de Ciencias Prehistoricas y Protohistoricas, Actas de la IV Sesión*. Zaragoza: [s. n.]. p. 503-520.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 1. Deusa(s)-Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. 7, p. 289-302.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada*. Lisboa: Uniarq/ INIC. 2 volumes.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Uniarq/ INIC. (Cadernos da Uniarq; 2).
- GONÇALVES, V. S. (1993) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 5ª série, 15, p. 41-47.
- GONÇALVES, V. S. (1999a) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1999b) – Time, landscape and burials. 1. megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 1, p. 83-91.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) – *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) – *Sítios, «Horizontes» e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. 2ª edição. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. «A síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003d) – A anta 2 da Herdade dos Cebolinhas (Reguengos de Monsaraz, Évora). Sinopse das intervenções de 1996-97 e duas datações de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6: 2, p. 141-164.
- GONÇALVES, V. S. (2004a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 5. O explícito e o implícito: breve dissertação sobre os limites fluidos do figurativo lidos a partir de componentes de algumas placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 1, p. 165-183.
- GONÇALVES, V. S. (2004b) – As deusas da noite: o projecto «Placa Nostra» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 2, p. 49-72.
- GONÇALVES, V. S. (2004c) – As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3.º milénio a.n.e.). *O Arqueólogo Português*. 22, p. 163-318.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7: 2, p. 73-96.

- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2003) – A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4ª série, 21, p. 209-244.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (no prelo) – As notáveis placas votivas da Anta de Cabacinheiros (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa.
- HARRISON, Richard J. (1977) – *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge/Massachusetts: Peabody Museum of Archeology and Ethnology.
- HELENO, M. – *Antiguidades de Carenque (Queluz) nº 1-4* [Manuscrito]. 1932. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- HELENO, M. (1933) – *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. – *Escavações em Carenque: Gruta IV* [Manuscrito]. 1935. Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter.
- LEISNER, V.; PAÇO, A.; RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memórias 8; nova série).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memórias 16; nova série).
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; FERREIRA, O. da V. (1973) – O povoado pré-histórico da Serra da Espargueira (Belas). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 1, p. 143-157. Actas das II Jornadas Arqueológicas.
- MIRANDA, J.; ENCARNACÃO, G.; VIEGAS, J.; ROCHA, E.; GONZALEZ, A. (1999) – *Carta Arqueológica da Amadora*. Amadora: Câmara Municipal.
- PAÇO, A. (1955) – Necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. Série 2, 6, p. 21-140.
- RAMALHO, M. [et al.] (1993) – *Notícia explicativa da folha 34-A (Sintra) da Carta Geológica de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- RIBEIRO, A. F.; LEISNER, V.; FERREIRA, O. da V. (1961) – Monumentos megalíticos do Trigache e A-da-Beja. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 287-337.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos*. Estudos pré-históricos em Portugal. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.
- RIVERO GALÁN, E. (1988) – *Análisis de las cuevas artificiales en Andalucía y Portugal*. Sevilla: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Sevilla.
- SALVADO, M. C. (2004) – *Apontamentos sobre a utilização do osso no Neolítico e Calcolítico da Península de Lisboa*. As coleções do Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa: MNA (Suplementos a O Arqueólogo Português; 2).

- SERRÃO, E. C.; VICENTE, E. P. (1958) – O Castro eneolítico de Olelas: primeiras escavações. *Comunicações dos Serviços Geológicos*. Lisboa. 39, p. 87-125.
- SIMÕES, (1878) – *Introdução à Arqueologia da Península Ibérica*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. P. (1984) – Dados convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4ª série, 2, p. 167-213.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. P. (1993) – Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33: 3/4, p. 217-235.
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do sagrado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal; Assembleia Distrital de Setúbal.
- SPINDLER, K. (1976) – Die neolithische Parede-Gruppe in Mittelpotugal. *Madriider Mitteilungen*. 17, p. 21-75.
- SPINDLER, K. (1978) – Eine Siedlung der Parede-Typus von Vale de Lobos in Portugal. *Madriider Mitteilungen*. 19, p. 11-22.